

Muamba - Subdistrito Comercial de Arte – 1987 - SP

Luta Contra a Gravidade.

Kit de maquinações & malandragens: o trabalho de Guto Lacaz é engenhoca, muamba com o objeto e a inutilidade.

Desde a popart até as catarses gestuais do já enfadonho neo-expressionismo, que invadiu as telas desse início da década, fazia muito tempo que não surgia um “bom encontro” no circuito das galerias. MUAMBA, a última exposição de Guto Lacaz reuniu algumas qualidades escassas na produção jovem contemporânea. Não se trata propriamente de pintura nem de uma tendência nova que poderá ditar modas. O que Guto faz lhe é muito peculiar e já configura uma marca registrada na sua trajetória tão turbulenta. Para definir esse trabalho o verbo é MAQUINAR. E Guto, então está propondo ao público um “kit” de maquinações.

Segundo Aurélio Buarque de Holanda, “maquinar” significa projetar (um ardid), traçar (algo) com artifícios, preparar, urdir, tramar, intentar. No caso de Guto, o verbo se adequa melhor ainda, uma vez que os resultados, em sua maioria, são pseudo-máquinas, objetos que funcionam, coisas que se mexem. Tudo começa com anotações “croquisadas” que tomam forma a partir da reciclagem/recriação de objetos com tiragem industrial. Baudrillard estudou minuciosamente a função utilitária proposta pelo sistema dos objetos na sociedade moderna. Guto Lacaz entra como terrorista, replicante, e, muito maliciosamente, recoloca a pergunta relativa ao olhar: como ver um vidro de spray, um tubo de cola, um disco, um ferro de passar, um monte de cotonetes etc?

Citando Karl Marx (O Capital), Guto insiste em lembrar que cada coisa é útil, tem qualidade e quantidade. A subversão de Guto reside justamente em aniquilar a função utilitária dos objetos e sua serialidade, “preservando a qualidade. Uma qualidade outra porque pertencente agora a uma nova dimensão e assim o círculo lógico se fecha sobre a observação estarecedora de que toda arte é inútil. Os objetos de Guto tem a mesma inutilidade que as pinturas de qualquer companheiro de trabalho. Não servem para nada a não ser apontar, revelar, indagar. Coisas que alimentam corações e mentes, e só indiretamente, o corpo, mediante valor de troca.

Ao contrário de uma novíssima geração que se lançou em brincadeiras objetuais, oferecendo uma solução fácil ao simples, Guto tem a qualidade de resolver de forma elaborada as mesmas questões simples, conferindo então as suas coisas uma dimensão filosófica sempre inusitada e humorística. Ele é com certeza, uma fusão esperta entre a estética dos “ready-mades” e a produção das imagens claramente figurativas. E, tanto nas artes plásticas quanto durante suas performances, Guto põe em funcionamento universos complexos aliando magistralmente concepção com realização - uma outra raridade em relação à produção circundante.

Essa exposição tem então um duplo objetivo: revelar as múltiplas maneiras de usar as coisas e, conseqüentemente, montar novos manuais de instruções - uma prática que não

costuma ser aplicada pelos brasileiros. Guto Lacaz é um didático (nada hermético) desde as explicações no catálogo para entender cada peça até as situações que envolvem o espectador. É preciso sentir para saber: então na “Cadeira com campainha”, primeiro você se depara com a mini-instalação, depois, tomado por um impulso, você senta e, finalmente, levanta para desencadear uma série de raciocínios.

Guto diz que não passa de um picareta e que não inventa nada. Sarcasmo puro. Basta ver sua feitura/leitura do Salão Nacional, uma caixa de 1,45m de comprimento, iluminada por néons, com diversos homenageados: Dudi Maia Rosa, Cassio Michalany, Baravelli, Alex Valrauri etc., e a princesa das artes plásticas, Leda Catunda, na frente de um espelho, assumindo a função de pivô quase que centralizador.

Sabedoria e impertinência operam aqui no mesmo canal: desmistificar a produção artística e tornar cada vez mais legível uma arte que já foi feita por muitos poucos para menos ainda. Sem desprezar as complexidades do meio, Guto consegue penetrar no universo de qualquer observador. É claro que, sendo uma obra cheia de referências e homenagens, seria conveniente entender as fontes: as peças são tão metalingüísticas que para provocar o riso exigem que o leitor se situe historicamente. Nesse sentido quanto mais rico for o universo do espectador, maiores conotações poderá atribuir à obra. Não se trata apenas de olhar e sentir, mas de desfazer toda a trama de significantes que subjagam subliminarmente.

O caráter experimental do fazer artístico não deveria nunca abandonar os artistas. É preciso ousar muito para surpreender nos tempos atuais. Enquanto embarca para a França, onde participará da exposição MODERNIDADE - A ARTE BRASILEIRA NO SÉC. XX no Museu de Arte Moderna em Paris, Guto ainda é editor gráfico de revistas, cria anúncios e brindes para empresas, e já estruturou uma temporada de performances para o ano que vem. Guto é um artesão industrial, se é que isso pode existir. É um artista que destruiu um pedaço do sacrossanto espaço da galeria para incrustar na parede uma de suas peças. Já está com a bola toda sobrando apenas uma ressalva: convencer o público que ele é ainda por cima, pintor de telas tradicionais.

Lisette Lagnado - Revista Caos

Arguto E Sagaz

A arte dos anos 80 é tremendamente consciente do seu passado recente. Toda a trajetória do modernismo, de Cézanne ao conceitual, é uma constante para todos os lados que olhamos.

A impressão (falsa) que temos é a de que tudo já foi feito. As leituras formais e conceituais tornaram-se simultâneas e indivisíveis. Forma e conteúdo são uma coisa só. Tudo tem um ar neo-tudo. A arquitetura se diz pós-moderna! A tradição do moderno é um fardo tão pesado quanto à realidade 80 de decadência econômica e política.

Guto Lacaz é um artista deste tempo. E o seu trabalho, pode e deve, eu acredito, ser lido como um comentário da época.

Arguto e sagaz como o próprio. A um mesmo tempo plástico e conceitual. No seu trabalho, essas duas forças da arte se comentam, se ironizam e se completam.

Sua recente exposição “Muamba” e sua instalação EletroEspaço (Trama do Gosto) são exemplos disso.

A exposição revela uma produção variada {pinturas, ilustrações, gags visuais, conceituais e cromáticas. Alguns trabalhos falam graficamente de temas “elevados”, como o homem e seus símbolos (Passeio no Infinito), ou comentam arte como o polêmico Salão Nacional. São ready-mades geniais (Coincidências Industriais), imagens pop de simplicidade intrigante (Moça do Leite). Falam de cor (Cinerama), da linha (O Ébrio) do olhar (Olho Mágico) e de outras questões importantes da arte contemporânea.

Todo o clima de low-tech que permeia seus trabalhos, sejam construções, ilustrações ou pinturas (fios, pregos, gadgets elétricos, truques luminosos, lâmpadas, pilhas, discos, etc.) tem uma razão fortíssima para existir.

Eles comentam plasticamente um dos temas mais importantes do nosso tempo: o mito do progresso (tecnológico, informático, atômico).

Seu computador, em vez de um mouse, tem como acessório um bico de maçarico, ou seja, um microfone flamejante (Museu da Casa Brasileira).

Ao mesmo tempo em que o diálogo com a máquina e ameaçador é ameaçador e talvez de uma sedução arrebatadora (E./E.E.). Esta instalação, um dos melhores trabalhos que eu vi neste ano de Bienal, irá repetir em Paris, sem dúvida, o seu sucesso de crítica e de público.

Existe vanguarda nos anos 80? Ou apenas uma vã-guarda do passado? Existe progresso real, social na era da informática?

Estas e outras questões, sugere Guto Lacaz, devem ser encaradas de frente, de uma nova e vigorosa maneira, como através de um olho mágico.

João Pedrosa - Guia das Artes Plásticas

Máquinas de Rir

Guto Lacaz brinca com a arte em nova exposição

O catálogo da exposição do arquiteto, designer, escultor, artista plástico e performático Guto Lacaz, inaugurada na semana passada, tem como epígrafe uma frase extraída de “O Capital” na qual Marx diz que “descobrir (...) os múltiplos modos de usar as coisas é um ato histórico”. Que ninguém se assuste ou crie falsas expectativas, porém. O artista está longe da sisudez de Marx, que é apenas citado para destacar mais uma vez o talento para

descobrir os múltiplos modos de usar as coisas que Lacaz esbanja nesta exposição. Ele já regeu concertos para eletrodomésticos, criou uma instalação com 26 aspiradores de pó e agora na melhor tradição do nonsense do francês Marcel Duchamp, Lacaz mostra 35 peças que incluem pinturas, objetos, montagens e máquinas. Uma brincadeira atrás da outra.

Irreverente e sem preconceito, Lacaz usa, além de materiais tradicionais, objetos menos nobres, como cotonetes, clipes para papel. Suas sugestões são retiradas de rótulos de produtos industriais, fotos jornalísticas e, na maioria das vezes, de um universo pessoal e intransferível. Não falta sequer a surpresa de pinturas como os trabalhos mais bem comportados da exposição. Submarino Nuclear em Noite de Luar é uma dessas obras que, apesar de sua qualidade, parecem estar na exposição apenas para provar que Guto sabe pintar. Mas nem esse acesso de bom-mocismo dura muito. Em Hashi a tela é substituída por um disco, que vira um prato de comida japonesa. Uma mão empunha um par de pauzinhos de comer como substituto do braço de um toca-discos

“Entrei de Gaiato” - As coisas começam a esquentar com as máquinas inúteis criadas pelo artista. Dotadas de movimento, são todas absolutamente desprovidas de função, a não ser de divertir o espectador. A melhor delas O Ébrio, um carrinho movido à pilha que deixa um rastro na superfície do papel onde circula. Basta ligar e ele sai desgovernado pelo papel - uma atração, sobretudo para as crianças que vêm na exposição um salão de brinquedos. Outro objeto-brinquedo que não liga na tomada, mas diverte da mesma forma, é um ferro de passar roupa de cabeça para baixo com um ovo frito na chapa. High Tegg é o título, um trocadilho com as palavras alta tecnologia e ovo em inglês.

O mesmo humor presente em Rádios Pescando, um conjunto de oito rádios cujas antenas foram transformadas em varas de pescar.

Lacaz experimenta também com colagens, sem abandonar a esfera do absurdo. Três cartazes na exposição parodiam a grande tradição americana do “faça você mesmo”. Coisas úteis? Não. Ele sugere “Faça você mesmo este submarino nuclear em quinze etapas”, uma seqüência de imagens totalmente desconexas que termina com um oficial olhando por um periscópio. Na legenda emprestada dos Paralamas do Sucesso, lê-se: Entrei de gaiato no navio. Entrei, entrei, entrei pelo cano. A vedete da exposição é Salão Nacional, trabalho no qual Lacaz dá sua versão do Salão Nacional de Artes Plásticas, fazendo alguns comentários e alterações que refletem suas predileções. No último Salão, o grande premiado foi o pintor Carlito Carvalhosa, um dos integrantes do Grupo Casa 7. No Salão de Lacaz ele é trocado por outro representante, o pintor Fabio Miguez. Os pintores Dudi Maia Rosa, Cassio Michalany e Baravelli também estão representados, em versões alteradas. Na mesma obra, uma caixa de 1,45m de comprimento, ele faz algumas homenagens pessoais ao ator Patricio Bisso, à revista Around, e ao papa dos grafiteiros nacionais, Alex Vallauri. Há também um trabalho que o artista define como sendo “o de um artista hippie que entrou no salão por engano”. Mas o que chama mais atenção é a presença da pintora Leda Catunda. Enquanto todos os homenageados estão representados por obras, ela já chamada pela imprensa brasileira de “os mais belos joelhos da arte brasileira” está representada por uma foto giratória que se reflete em um espelho.

João Candido Galvão - Revista Veja

No Território da Loucura Sadia

Delírio, mecanismo e demência: são os objetos de Guto Lacaz.

Alguns artistas brasileiros expõem mais do que deveriam, uma vez que as galerias são suas vitrines comerciais. E querem também que o crítico seja uma espécie de divulgador de seus trabalhos, repetidos a cada seis meses, sem qualquer interesse artístico ou criativo. Não é esse o caso de Guto Lacaz, que esta expondo na Subdistrito, em São Paulo, 35 trabalhos sob o título de “Muamba”. O componente irônico aliado ao ludismo de suas propostas, cria à maneira de Marcel Duchamp, a “metaironia”, que é a união de mecanismo e delírio, método e demência, evocando um dos mestres do artista francês, Raymond Roussel.

A metaironia é um trocadilho mental. No caso de Roussel, escritor teatral, ela confrontava duas palavras de sons semelhantes, mas de sentidos diferentes, encontrando entre elas uma ponte verbal. Duchamp procurou realizar a metaironia, após ter abandonado a pintura. Guto Lacaz é um discípulo que acrescenta, embora, tal qual o mestre, cometa ready-mades como, por exemplo, o ferro de passar roupa colocado ao contrário em uma mesa, com um ovo frito sob a superfície metálica.

Auto-Retrato Simbólico - Guto realiza linguagem da meta-ironia com grande criatividade, pois faz uma reflexão sobre os objetos criados, sendo o próprio objeto uma metáfora, uma representação de Lacaz. Cada um de seus trabalhos é um auto-retrato simbólico de uma beleza indiferente à própria noção de beleza, distante do romantismo e irônico quanto à cibernética contemporânea. Ele vai mais longe, fazendo também uma ponte visual, um trocadilho entre arte e desenho industrial. Algumas de suas máquinas inúteis possuem função como a que fica todo o tempo a riscar um papel, criando curvas semelhantes, sobrepostas. Como em Duchamp, os títulos são importantes na obra de Guto. O ferro de passar com o ovo recebeu o título de High-Tegg, numa alusão a High-Tech.

Aí está a ponte verbal de duas palavras semelhantes no som, mas diferentes no conteúdo, com a pitada de metaironia de Guto Lacaz.

O que faz importante sua obra é justamente a delirante harmonia das relações de uma peça com a outra. Elas acontecem por contraposição no sentido físico, lingüístico e no sensual. O absurdo de “Rádios Pescando” é pura criatividade do mecanismo método/demência.

O território da loucura sadia está presente e alimenta a obra deste artista que cria seus objetos para fazer-nos refletir das duas maneiras: pensar e espelhar-nos.

Alberto Beutenmuller - Revista Visão.

O Riso dos Objetos

No primeiro volume do seu celebrado “O Capital”, o filósofo Karl Marx decretou que cada coisa útil, como o ferro e o papel, deve ser encarado como duplo ponto de vista, segundo sua qualidade e quantidade. Descobrir esses diversos aspectos e os múltiplos modos de usar as coisas seria, de acordo com a sua teoria um ato histórico. O artista plástico paulistano, Guto Lacaz, escolheu uma trilha muito peculiar para usar objetos nas artes plásticas: o bom humor. E adotou o ensinamento de Marx como epígrafe de sua exposição, denominada Muamba.

“As artes plásticas tem muito a tradição do sério”, define Lacaz, um brincalhão e eterno gozador na sua vida pessoal.

“Muita gente se aborrece diante de determinados trabalhos que não entendem.” Assim, ele procurou organizar o espaço procurando evocar o riso. Nesta exposição há 35 trabalhos-pinturas sobre telas, recortes, objetos ou pequenas instalações. Assim, um ferro de passar pode ter sua utilidade subvertida para fritar um ovo ao ser equilibrado de cabeça para baixo. O título High Tegg, um trocadilho com a alta tecnologia. Na linha dos objetos cinéticos, ele apresenta O Ébrio, um carrinho movido à pilha acoplado a um pincel atômico que risca traços disparatados sobre folha de papel, como o movimento cambaleante de um bêbado. Há o campo de homenagens aos amigos, como o editor Massao Ono. No caso trata-se de uma contrafação da caixa de sabão em pó OMO, com o logotipo travestido para ONO. Com muita elegância formal, o grafiteiro Alex Vallauri é alvo de outro de seus objetos. Duas latas de spray, o instrumento de trabalho por excelência dos grafiteiros, estão face a face, lançam dois jatos de cone verde e amarelo, mas sólidos.”Procuro divertir-me com meu próprio trabalho e transmitir isso ao público, à semelhança do que fazem os humoristas da televisão ou os cartunistas de jornal.” precisa Lacaz.

O riso tem seu peço: as peças expostas custam de 30 a 300 mil cruzados. Arquiteto de formação ele embrenhou-se há dez anos no terreno das artes gráficas. Mas para classificá-lo melhor como artista, é necessário, contudo recorrer ao termo multimídia: já fez cenografia, vídeos exibidos na Bienal Internacional de São Paulo ou performances. Seu próximo passo é cruzar o Atlântico, rumo à exposição Modernidade Brasileira, em Paris, onde comparecerá ao lado de 150 colegas em dezembro.

Revista Isto É

O Talento De Guto Lacaz, em Destaque.

Não há como negar as evidências: a arte dita de vanguarda feita no Brasil nos últimos trinta anos e, sobretudo aquela executada (entre nós) da Pop Art até hoje, ou seja a partir dos anos 60, é toda ela calcada nas idéias do francês Marcel Duchamp dos dadaístas. Portanto, uma vanguarda-retaguarda, já que eles europeus, fizeram primeiro e no começo do século! Mas, deixa pra lá.

O certo é que desde o corpo embalsamado de Nelson Leiner até as tranças metálicas fetichistas, frias e sem graça de Tunga, tudo, mas tudo, mas tudo mesmo é puro neodadaísmo.

No meio da mesmice, sobressai-se um grande artista, cujo talento merecia mais destaque na nossa irresponsável vida-memória cultural. Esse artista é o sóbrio, eficiente e mais do que talentoso Guto Lacaz. Um aluno de Duchamp, só que vai muito além do professor. Sua obra também é mais idéia do que execução. Só que seus olhos, sua sensibilidade, sua obra, nos propõe um novo olhar sobre tudo aquilo que já vimos ou sabemos. Nas mãos, por exemplo, de uma secretária apressada um tubo de cola em bastão vai logo para o lixo, depois de usado. Nas mãos de Guto Lacaz, o tubo vira arte. Sobretudo quando ele resolve estabelecer, entre esse tubo e uma lata, parâmetros que resultam na mesma medida métrica:

Observador atento, Guto trabalha com o material desprezado dos nossos dias, pregos, latas, barbantes, fios, latas de tinta spray (com elas fez uma belíssima homenagem a Alex Vallauri, o maior grafiteiro do Brasil, morto recentemente), rótulos de leite condensado, lâmpadas, pacote de sabão em pó, e até um retrato, sem graça, de Leda Catunda de mini saia. O apogeu do seu humor está, entretanto, no ferro elétrico de passar roupa, voltado para cima com um ovo frito (de plástico, obra-prima do kirsch) sobre a base e o título genial: High Tegg.

Olney Kruse - Jornal da Tarde